



Revista Portuguesa de Estudos
Regionais

E-ISSN: 1645-586X

rper.geral@gmail.com

Associação Portuguesa para o
Desenvolvimento Regional
Portugal

Palmeiro Ferreiro, Maria de Fátima
Paisagens invisíveis: a ética da terra segundo Aldo Leopold
Revista Portuguesa de Estudos Regionais, núm. 20, 2009, pp. 113-117
Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional
Angra do Heroísmo, Portugal

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=514351895008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



PAISAGENS INVISÍVEIS: A ÉTICA DA TERRA SEGUNDO ALDO LEOPOLD

Maria de Fátima Palmeiro Ferreira - ISCTE-IUL, Dinâmia e CETRAD - E-mail: fatima.ferreiro@iscte.pt

RESUMO:

O artigo identifica os conceitos e propostas fundamentais da Ética da Terra tal como foi apresentada por Aldo Leopold (1887-1948) no clássico do conservacionismo *A Sand County Almanac* (1949). A expressão “paisagens invisíveis” chama a atenção para as normas e os valores que informam a relação homem-natureza nas sociedades ocidentais e que foram objecto da crítica de Leopold. A paisagem (domínio estético) fala-nos da ética, é o rosto da sociedade e dos seus valores morais. A metáfora da “comunidade” (“biótica”) adoptada por Leopold evidencia a interdependência entre todos os seres vivos no contexto de uma perspectiva holista que, ao integrar o homem naquela comunidade, o responsabiliza no sentido da manutenção da “saúde da terra” (solos, fauna, flora, água). Trata-se de uma mensagem actual, oportuna e inspiradora tendo em conta as mutações da paisagem e os desafios envolvidos na reflexão sobre a conciliação dos valores económicos, sociais e ecológicos no âmbito do planeamento e ordenamento do território.

Palavras-chave: Aldo Leopold, ética da terra, terra, paisagem, filosofia ambiental.

Códigos JEL: Q/Q5.

ABSTRACT:

The paper identifies the main concepts and proposals of Aldo Leopold's (1887-1948) Land Ethic as presented in *A Sand County Almanac* (1949). The expression “invisible landscapes” underlines the norms and values that inform the relation man-nature in occidental societies, and which were object of Leopold's criticism. Landscape (aesthetics) talks about ethic, is the face of societies and its moral values. The metaphor of (“biotic”) “community” adopted by Leopold allows the consideration of the interdependence that exists between all living beings. The holistic perspective adopted by the author integrates man in the “biotic community”, stressing his responsibility in the maintenance of “land's health” (soil, fauna, flora, water). This is an actual, opportune and inspiring approach considering present landscape transformations and the challenges involved in the reflection about the conciliation between diverse values and interests (e.g., economic, social and ecological) in the context of territory planning and management.

Keywords: Aldo Leopold, land ethic, land, landscape, environmental philosophy.

JEL codes: Q/Q5.



1. PAISAGENS INVISÍVEIS: A ÉTICA DA TERRA SEGUNDO ALDO LEOPOLD

A ética da terra, tal como foi apresentada por Aldo Leopold (1887-1948) no clássico do conservacionismo *A Sand County Almanac* (1949), permite convocar a paisagem como um livro que fala dos valores que presidem à relação da sociedade com a natureza. A distância temporal e o facto de se reportar à realidade americana são aspectos que devem ser considerados mas que não interferem na actualidade e oportunidade da visão de Leopold.

A principal mensagem da ética da terra é a de que os seres vivos integram uma mesma comunidade - a “comunidade biótica”- conceito central desta ética e que permite enfatizar a relação de interdependência dos seres assim como a sua autonomia relativa (cf. Humberto Rosa, 2004: 29-30) . Segundo Leopold, “a ética da terra alarga as fronteiras da comunidade para nela incluir os solos, as águas, as plantas e os animais, ou colectivamente: a terra” (Leopold, 1949: 190).

À ideia de expansão dos limites da comunidade de forma a incluir o colectivo ‘terra’, devem associar-se outras noções essenciais desta ética, nomeadamente a inclusão de todos os seres vivos no universo de consideração moral (uma “possibilidade da evolução” e uma “necessidade ecológica”, segundo o autor), a necessidade de desenvolvimento de uma consciência ecológica assim como a definição da “saúde” da terra como a sua capacidade de auto-renovação.

A superação da dicotomia homem-natureza, dominante na cultura ocidental, decorre da concepção do homem como membro da ‘comunidade’ e envolve o desenvolvimento de uma “consciência ecológica”, uma alteração de valores e não simplesmente a imposição de leis: o alargamento da “[...] consciência social das pessoas por forma a incluir nela a terra” envolve “uma alteração das nossas prioridades intelectuais, das nossas lealdades, afectos e convicções” (*Id.*: 194).

O livro da paisagem traduz os valores éticos que presidem à relação dos homens com a terra num determinado território e período histórico. O texto intitulado “o bom carvalho” (mês de Fevereiro do *Almanac*) constitui uma boa ilustração desta concepção da paisagem. O corte de um carvalho destruído durante uma tempestade para aproveitamento da lenha constitui o pretexto para Leopold mencionar factos da história americana, ciclos económicos, políticos e ecológicos (p.e., crash da bolsa de 1929, produção de leis florestais, a intensidade dos fogos e das secas, a drenagem de pântanos, a morte e a preservação das espécies). O último corte revela o início da vida deste carvalho, a década de 60 do séc. XIX, época da Guerra da Secessão “[...] quando milhares de pessoas morreram para decidir esta questão: será que a comunidade homem-homem pode levemente ser dissolvida? Decidiram a questão, mas não compreenderam, nem nós compreendemos ainda, que a mesma questão se aplica à comunidade homem-terra” (*Id.*: 35).

O poder de cortar e de serrar simboliza o poder do homem, que se exerce também com a caneta - a produção de leis. A crítica a um certo tipo de progresso é uma constante na análise de Leopold. O uso responsável da terra deve ter presentes valores económicos, éticos e estéticos, numa conciliação entre o útil, o belo e o bom, rejeitando uma lógica estritamente economicista. A “saúde” da terra, definida por Leopold como a sua capacidade de auto-renovação, é visível na beleza da paisagem: a ética da terra é simultaneamente uma estética da terra. Com efeito, e para Leopold, deve analisar-se “[...] cada questão em termos do que é certo ética e esteticamente, tanto quanto economicamente vantajoso. Uma coisa é certa quando tende para preservar a integridade, a estabilidade e a beleza da comunidade biótica. É errada quando tende no sentido oposto” (*Id.*: 206). O “mecanismo operativo” da Ética da Terra é o mesmo das outras éticas: “a aprovação social das acções rectas; a desaprovação social das acções erradas” (*Id.*: 207).

A leitura da paisagem e o desenvolvimento de uma “educação ecológica” envolvem o contacto com a natureza que não é substituível pela leitura de manuais e pela sala de aula, nem tão pouco se coaduna com a compartimentação do conhecimento e a especialização excessiva sob pena de, como refere Leopold, falharmos o diagnóstico das “doenças da terra” e comprometermos o desenvolvimento da ‘comunidade’. A leitura das paisagens pressupõe o desenvolvimento de uma percepção que alcance além do óbvio. As “longas paragens” e “um demorado olhar” para as ervas, os pássaros, as árvores, fazem parte da educação dos sentidos e fundamentam o respeito que deve presidir na relação dos homens com a natureza, isto é, com os outros membros da ‘comunidade’. Estamos perante uma perspectiva holista que integra o homem na terra através do desenvolvimento das suas capacidades cognitivas, éticas, estéticas e espirituais.

O predomínio de valores económicos nas decisões relativas ao uso da terra constitui para Leopold uma das “principais fraquezas de um sistema de conservação da natureza” uma vez que “[...] a maioria dos membros da comunidade da terra não tem valor económico” como o “canto dos pássaros” e as “flores selvagens”. No entanto, e como refere o autor, “[...] essas criaturas são membros da comunidade biótica, e se (como creio) a estabilidade dessa comunidade depende da sua integridade, têm o direito de continuar a existir” (*Id.*: 195).

A afirmação e interiorização da noção de ‘comunidade’ e dos valores éticos a ela associados são essenciais para o desenvolvimento da “consciência ecológica” que inclui a alteração do conteúdo da “educação para a conservação”. Reportando-se à realidade americana do seu tempo, Leopold refere aspectos bastante actuais das políticas agrícolas dos países ocidentais. Segundo o autor, a disponibilização de meios financeiros públicos tendo em vista a

promoção de “boas práticas” junto dos agricultores, por exemplo, é insuficiente na medida em que o fim do auxílio público dá lugar à substituição daquelas “práticas” pelas “[...] que tinham por resultado um ganho económico para si próprios, imediato e visível” (*Id.*: 193). Este comportamento revela a ausência de obrigações para além do interesse próprio no que à terra diz respeito. Como refere o autor: “A ética do uso do solo é ainda inteiramente governada pela ética do interesse próprio”. Os agricultores são muito visados nas críticas de Leopold que considera igualmente discutível a atribuição de subsídios para a prestação de actos não lucrativos à comunidade quando o único custo envolvido é, como refere, a “previsão, abertura de espírito ou tempo”.

A obra *For the Health of the Land* (1999) reúne vários artigos de Leopold (alguns inéditos) publicados entre 1938 e 1942 e que são o resultado da actividade de extensão agrícola desenvolvida pelo autor durante aquele período. O tema da conservação da natureza por parte dos proprietários privados é o tema central dos artigos, algo que, e nas palavras do seu discípulo Callicot, constitui o sonho do autor.

Leopold desenvolveu e transmitiu o seu sonho como intérprete, conselheiro, crítico e filósofo da terra (Temple, 1999: 227-238). A manutenção da saúde e da estabilidade da terra é o resultado da adopção de valores como a responsabilidade, a sabedoria e o cuidado que devem inspirar os “curadores” de um património único, complexo e frágil. A paisagem é o retrato da sociedade, do seu sentido estético e das suas virtudes morais. Em suma, a paisagem fala-nos da ética da terra.



BIBLIOGRAFIA

- Beckert, Cristina (2004), "Apresentação",
in Cristina Beckert e Maria José Varandas (ed.) *Éticas e Políticas Ambientais*, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.
- Callicot, J. Baird e Eric T. Freyfogle (eds.) (1999), "Introduction",
in *For the Health of the Land*, previously unpublished essays and other writings, Island Press, Washington.
- Callicot, J. Baird (2004), "A Ciência como Filosofia Natural",
in Cristina Beckert e Maria José Varandas (ed.) *Éticas e Políticas Ambientais*, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.
- (2004), "Filosofia Natural e Filosofia Moral",
in Cristina Beckert e Maria José Varandas (ed.) *Éticas e Políticas Ambientais*, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2004.
- Leopold, Aldo (1949), *A Sand County Almanac*,
Oxford, Oxford University Press.
- ([1949], 2008), *Pensar Como Uma Montanha*,
Edições Sempre-em-Pé, Águas Santas.
- (1999), *For the Health of the Land*, previously unpublished essays and other writings,
(ed.: J. Baird Callicot e Eric T. Freyfogle), Island Press, Washington.
- Rosa, Humberto (2004), "A Vida no Centro da Ética, O Biocentrismo em Perspectiva",
in Cristina Beckert e Maria José Varandas (ed.) *Éticas e Políticas Ambientais*, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.
- Temple, Stanley A. (1999), "Aftewords",
in Aldo Leopold, *For the Health of the Land* (ed.: J. Baird Callicot e Eric T. Freyfogle), Island Press, Washington.
- Varandas, Maria José (2004), "Fundamentos da Ética da Terra",
in Cristina Beckert e Maria José Varandas (ed.) *Éticas e Políticas Ambientais*, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.